

## PORTO NOVO – RUMO AO CENTENÁRIO: MODOS DE VIVER CONSERVADOS EM CONTEXTOS DE MUDANÇAS<sup>1</sup>

Roque Strieder<sup>2</sup>

**Resumo:** Compreender a história de Porto Novo e de sua gente objetiva compreender o presente. Consultamos documentos, cuja leitura fazemos agora, conversamos e ouvimos histórias de vida, de vidas que existem agora, com um olhar e compreensões de agora, já que efetivamente somos o agora, quase 100 anos depois. Toda história acontece na mudança em torno de algo que é conservado. Como historiadores desejamos conhecer e compreender como um ser humano e seu entorno ambiente mudaram e mudam conjuntamente e de forma congruente. Somos no agora mestres em contar histórias e moldar histórias e, ao fazê-lo revelamos como elas nos moldam. Temos como objetivo firmar a relevância de mais mergulhos sobre a densa e extensa existência, 100 anos de Porto Novo. Desafiar para desencadear mais escritos, para sensibilizar mais leitores, visando aproximar-nos cada vez mais da concreta existência de nossas individualidades e como coletividades. É certo que existe um fato, um marco temporal, firmando que Porto Novo começou em 1926. No desejo de (co)memorar seus 100 anos, temos como premissa que Porto Novo segue existindo, pois algo se conservou convidando para questionar: o que foi que efetivamente aconteceu e se conservou, desde 1926, nas margens catarinenses do Rio Uruguai, atribuindo-nos o direito de (co)memorar seu centenário, sabedores das gigantescas mudanças que aconteceram nesses 100 anos?

**Palavras chaves:** Porto Novo; História; Conservação e mudança.

**Resumen:** Comprender la historia de Porto Novo y su gente apunta a comprender el presente. Consultamos documentos, que leemos ahora, hablamos y escuchamos historias de vida, de vidas que existen ahora, con una visión y comprensión del ahora, ya que efectivamente somos ahora, casi 100 años después. Toda la historia ocurre en el cambio en torno a algo que se conserva. Como historiadores deseamos conocer y comprender cómo un ser humano y su entorno han cambiado y cambian de manera conjunta y congruente. Ahora somos maestros en contar historias y darles forma, y al hacerlo revelamos cómo ellas nos moldean. Nuestro objetivo es establecer la relevancia de más inmersiones en la densa y extensa existencia, 100 años de Porto Novo. Desafío a impulsar más escritura, a sensibilizar a más lectores, con el objetivo de acercarnos cada vez más a la existencia concreta de nuestras individualidades y como colectivos. Es cierto que hay un hecho, un marco temporal, que establece que Porto Novo comenzó en 1926. En el deseo de (co)celebrar sus 100 años, tenemos como premissa que Porto Novo sigue existiendo, como algo que se ha preservado, invitándonos a preguntarnos: ¿qué fue eso que realmente sucedió y se conserva, desde 1926, a orillas del río Uruguay, en Santa Catarina, dándonos el derecho de (co)celebrar su centenario, conociendo los gigantescos cambios ocurridos? en estos 100 años?

**Palabras clave:** Porto Novo; Historia; Conservación y cambio

### A TÍTULO DE CONSIDERAÇÕES INICIAIS

É com alegria que recebi o convite para participar dessa mesa de debates envolvendo a temática “PORTO NOVO – RUMO AO CENTENÁRIO” ao lado do colega Dr. Douglas Orestes Franzen e do mediador Dr. Valdir Eidt.

---

<sup>1</sup> Artigo elaborado para exposição na mesa redonda IV – “Porto Novo –Rumo ao centenário”, da *VI Reunião do Grupo de Pesquisa CNPq/UFSC História Platina: Sociedade, Poder e Instituições e o IV Encontro Internacional de História*, realizada no dia 17 de novembro de 2024.

<sup>2</sup> Possui Licenciatura Curta em Ciências de Primeiro Grau pela FIDENE/UNIJUI/Ijuí/RS; Licenciatura Plena e Especialização em Matemática pela mesma instituição; é especialista em Administração Escolar e Mestre em Educação pela UFSC/SC; e Doutor em Educação pela UNIMEP – Piracicaba/SP. Atuou junto ao Programa de Pós-graduação – Mestrado e Doutorado – em Educação na UNOESC - Joaçaba/SC. E é autor de inúmeros artigos científicos, capítulos e livros, sendo o último em coautoria com Aracéli Girardi, intitulado: “Autopoiese como dinamizadora de experiências formativas e humanizadoras”.

Este também é um momento para reconhecer e parabenizar toda a equipe envolvida na organização e realização do evento: VI Reunião do Grupo de Pesquisa CNPq/UFSM História Platina: Sociedade, Poder e Instituições e IV Encontro Internacional de História, uma parceria entre UFSM/RS e o Grupo Geppon.

Igualmente, cabe reconhecer a intensa participação em cada uma das etapas desse evento por estudantes e educadores provenientes de diversos lugares e, em particular, as pessoas de comunidades da grande Porto Novo.

Um evento significativo que congrega a singularidade e a diversidade, que congrega a corresponsabilidade tanto quanto a (co)inspiração reflexiva, investigativa e sedenta por mais e mais saberes e conhecimentos. Entendo que, por mais que se tenha construído dissertações e teses, escrito romances, resenhas e artigos, refletindo e sonhando desvendar peculiaridades sobre o modo de ser, o modo de fazer Porto Novo, o modo de fazer-se portonovense, ainda restam insondáveis fendas que pairam no desconhecido.

Desejamos mais e mais compreender a história da grande Porto Novo e de sua gente objetivando explicar o presente. Para isso, consultamos documentos, cuja leitura fazemos agora, conversamos e ouvimos histórias de vida, de vidas que existem agora, com um olhar e compreensões de agora, já que efetivamente somos agora. E como afirma Maturana (2000, p. 85) “[...] a história é passível de ser mudada. A história muda, pois é uma maneira de explicar o presente”.

Maturana (2000) entende que toda história tem a ver com transformações ao redor de algo que é conservado. Isso significa compreender que se nada é conservado, não existe história. Toda história acontece na mudança<sup>3</sup> em torno de algo que é conservado. Ele afirma: “A coisa mais importante na mudança é a conservação. O que conservamos abre espaço para o que podemos mudar. Assim, história significa transformação ao redor da conservação, neste caso, de vivência e de coerência com o meio” (2000, p. 84). O historiador deseja saber, deseja conhecer, deseja compreender como determinado sistema vivo e seu entorno ambiente mudaram e mudam conjuntamente e de forma congruente.

Bom, entendo que muitos de nós sabemos que segue longa a lista antropológica de denominações que se referem a nós seres humanos. Somos o *Homo eretus*, *Homo faber*, *Homo*

---

<sup>3</sup> Segundo Maturana e Dávila Yáñez (2009, p. 315) “Falamos de mudança quando vemos transformações que ocorrem em relação a algo que parece conservar-se ou que se vê invariante. Quando dizemos que tudo muda, a ênfase que pomos em considerar a mudança oculta o fato que a mudança não é em si, mas existe em relação a algo que se conserva. Talvez quando dizemos que tudo muda, devêssemos dizer ‘tudo muda em relação ao universo, ao cosmos ou a Deus’, que poderiam ser distintos referentes invariantes em relação aos quais se aplica a afirmação ‘tudo muda’”.

*sapiens*, *Homo demens*, *Homo oeconomicus*, *Homo ludens* e até *Homo fictus*, entre outros. Quero reforçar nossa condição de *Homo fictus*, feita por Jonathan Gottschall<sup>4</sup>, um escritor americano, referindo-se a nós, ao intitular seu livro como “O Animal contador de histórias: como as histórias nos fazem humanos”. Então, somos contadores de histórias. Portanto, escrever sobre Porto Novo, narrar histórias de viveres portonovenses, investigar imaginários do colonizador imigrante, desvendar sua religiosidade e mundanidade, descrever seus viveres familiares e domésticos, descrever seus fazeres educativos, culinários, agrícolas, artesanais e outros, envolve navegar pelos complexos problemas de ordem biológica, como também de âmbitos sociais e culturais das milhares formas de viveres presentes em cada dos 100 anos realizados em Porto Novo. Então, caros acadêmicos e pesquisadores, somos mestres em contar histórias, mestres em moldar histórias e, ao fazê-lo revelamos como as histórias também nos moldam. Por outro lado e, como escreveu o Papa Francisco<sup>5</sup>: “O leitor, enquanto lê, enriquece-se com o que recebe do autor, mas isso permite-lhe, ao mesmo tempo, fazer desabrochar a riqueza da sua própria pessoa, pois cada nova obra que lê renova e expande o seu universo pessoal”. Dessa forma, não somente o autor é um ator ativo mas também o leitor o é, pois quando lê, reescreve seus viveres, amplia seus imaginários e pode criar diferentes domínios de existência, elasticando seus sonhos, reativando e fertilizando seu ser e fazer humano e intelectual.

De certa forma esse é o tópico central de minha exposição perspectivando ser relevante mais e mais mergulhos profundos sobre a densa e extensa existência – 100 anos – de Porto Novo. Desafiar para desencadear mais escritos, para sensibilizar mais leitores, para que, juntos possamos nos aproximar cada vez mais da concreta existência de nossa intimidade como individualidades e também como coletividades.

É certo que nos quase 100 anos de existência de Porto Novo, milhares de vidas humanas aqui aconteceram, aqui se realizaram e aqui se realizam ainda. São igualmente milhares de formas de viver que aqui se realizaram e se realizam, cada uma singular, única e irrepetível. E, me parece que grande parte desses viveres singulares seguem à margem de registros históricos, cuja lógica segue pautada na priorização e preservação de padronizações e de generalizações universalizantes. E estas consideram como fundamental, partir da

---

<sup>4</sup> Jonathan Gottschall. *The Storytelling Animal: Como as histórias nos fazem humanos*. New York: Mariner Books, 2013.

<sup>5</sup> Papa Francisco: Carta do Santo Padre Francisco sobre o Papel da Literatura na Educação, 2024, p. 01. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2024/documents/20240717-lettera-ruolo-letteratura-formazione.html>.

premissa de que os viveres e conviveres individualizados, que as individualidades e as identidades singulares continuem sendo prescindíveis. Trata-se de uma lógica que reafirma a predominância do chamado ‘bem comum’ sobre toda e qualquer forma de existir e viver como individualidade e, por isso mesmo, reafirmo o questionamento de Maturana e Varela (1997, p. 114): “[...] que importância tem o que aconteça a um indivíduo, ou a vários indivíduos, se seu sacrifício é um bem da humanidade?” Para os autores as teorias ancoradas em noções transcendentais, justificando a desigualdade e a discriminação já não podem mais serem utilizadas para qualificar como prescindíveis as inúmeras individualidades, consideradas existentes única e exclusivamente para beneficiar a sociedade ou a pátria, o bem comum hierarquizado.

### **(CO)MEMORAR O FATO HISTÓRICO OU UMA EXISTÊNCIA DE 100 ANOS**

O grupo – GEPPON – (Grupo de Estudos e Pesquisas Porto Novo), foi criado também para discutir possíveis contribuições de ações e de condutas acadêmicas para operacionalizar esta (co)memoração (onde *co* = com, junto e, *memorar* = trazer à memória, lembrar) dos 100 anos de Porto Novo.

É certo que existiu um fato, um marco temporal, pois estamos crentes e cientes que Porto Novo começou em 1926. Começou com o aval de dispositivos legais, sob a anuência da *Volksverein* – Sociedade União Popular – fundada em parceria também de Padres Jesuítas.

Mas, penso que, no desejo de (co)memorar 100 anos de Porto Novo, cremos profundamente e, temos como premissa que Porto Novo segue existindo, ou seja, algo se conservou no decorrer dos 100 anos e segue sendo conservado do passado ao presente, ao amanhã, obviamente não de forma linear.

É aqui que gostaria de lançar alguns desafios investigativos que, suponho requerem contribuições do grupo – GEPPON - e de muitos outros historiadores e pesquisadores.

Ora, se estamos entendendo que em Porto Novo (atuais Itapiranga, São João do Oeste e Tunápolis) se prepara a (co)memoração dos 100 anos então, reafirmo: ele – Porto Novo - segue existindo e, penso, segue existindo para muito além de dispositivos legais, de registros históricos temporais relativos a fatos e fotos, devidamente selecionados e certamente recheados de fissuras e brechas que seguem à descoberto.

Se pensamos em (co)memorar 100 anos de Porto Novo **e não somente os 100 de sua instalação, criação ou início**, - estilo comemoração dos 200 anos da imigração alemã - creio relevante nos questionar: o que foi que efetivamente aconteceu e, mais profundamente: **o que se conservou, desde 1926, nas margens catarinenses do Rio Uruguai e limites do leste da**

**Argentina, que nos atribui o direito de manifestar o desejo e, de (co)memorar seu centenário, sabedores das gigantescas mudanças que aconteceram nesses 100 anos?**

Sem dúvidas, nesses 100 anos fomos envolvidos em mudanças e por mudanças profundas. O considerado novo e novidade em 1926 mudou profundamente. Todos os momentos e aportes estruturais iniciais mudaram, porém, no complexo contexto das novidades algo passa a ser conservado e coordena nossas diferentes ações mudando todo o nosso modo de fazer as coisas, de fazermos de Porto Novo um *continuum* existencial. Desde 1926, nada em Porto Novo respirava efetivamente o ideal da plenitude homogeneizante. Nada era totalmente inquestionável e totalmente uniforme, certo e verdadeiro. O imigrante aqui chegando veio recheado, não somente de sua condição de *Homo faber*, de sua condição de *Homo sapiens*, mas também de sua condição de *Homo demens*, tanto quanto de *Homo fictus*. Vieram mergulhados em dúvidas, evidenciando insatisfações, dificuldades inumeráveis, sensações de grande abandono, uma solidão humana por entre uma Mãe Natureza farta, dinâmica e profundamente entrelaçada. Na Porto Novo de 1926 não somente a Mãe Natureza exibia sua diversidade, também entre os imigrantes alemães, católicos e brancos a diversidade estava presente, não como sinal de fraqueza ou de confusão mas, sim de oportunidades e realizações diversas. É no caldo da diversidade que as existências se fazem acontecer, que os encontros e desencontros se processam, que o tradicionalismo e a inovação se mesclam, colaboram e fazem ferver as premissas da conservação e das mudanças.

Os imigrantes alemães, brancos e católicos, que aqui chegavam, se estabeleceram sobre territórios indígenas e sobre as ecologias, domínios existenciais de ocupantes tradicionais: ou seja “privatizaram” os **commons indígenas** e tradicionais, como descrito por Relly (2022). As áreas de terras que foram concedidas ou subsidiadas a estes alemães, brancos e católicos, tinham como pano de fundo a **expropriação de territórios nos quais viviam e conviviam povos tradicionais**.

Esses imigrantes alemães, brancos e católicos, que aqui chegavam (co)criaram um nicho vital, um habitat familiar, um modo de vida e uma determinada rede de condutas simplesmente novo, uma novidade, ou novidades. Para os familiares que chegavam, tudo começa a mudar em torno desse novo. Essa novidade ou novidades passa a se conservar, servindo de referência, para algo diferente, único e singular. As famílias chegadas e as famílias chegando adotam essa referência que lhes serve de guia e passam a coordenar suas ações, mudando seu modo de fazer as coisas, como também seu modo de relacionar-se entre si, possivelmente um contexto de aprendizagens inovadoras que se pretende transgeracional.

Então, cabe questionar novamente: Que realidade era, foi e é Porto Novo em concomitância com a presença de imigrantes brancos, alemães e católicos? Como e o que eles conheceram fazendo-se viver como portonovenses?

Confrontando posições objetivistas, vale questionar: Existe um mundo de objetos cuja existência independe de nós? Existia já uma Porto Novo antes da presença de imigrantes brancos, alemães e católicos? Ou Porto Novo somente surge no domínio de experiências vivenciadas pelos imigrantes aqui chegados que, em forma comunitária coordenaram ações e operacionalidades dos moradores dessa comunidade Porto Novo? Particularmente, não tenho dúvidas que Porto Novo é o resultado do modo de viver e conviver, do modo de fazer os fazeres envolvendo a derrubada de matas densas, de plantios de produtos agrícolas, de formas particulares de criação de animais domésticos, e outros mais. Todas estas singulares formas de fazeres geraram Porto Novo. Cada novo integrante ao aqui chegar conversava e operava no *linguajar*<sup>6</sup> com outros membros anteriormente chegados. Ao fazê-lo inicia sua participação com eles na criação e conservação de um domínio de ações coordenadas como um domínio de distinções – cada família um singular, mas não só, ela é também uma unidade inteira e completa, porém não pronta – e, portanto pode gerar diferentes fazeres que, por mais versáteis que sejam, convergem para uma congruência e sintonia portonovense, comparecendo esta, também como uma unidade – uma unidade composta e de maior complexidade.

A interação recorrente das unidades singulares, sejam as familiares ou as individualidades, convergem para uma unidade composta e mais complexa, constituindo sua organização, sua identidade – como Porto Novo. Uma unidade a ser conservada como um contexto (in)variante de relações, mantendo a segurança e visando a preservação da identidade Porto Novo. É certo que, se a organização de uma unidade composta muda, também muda sua identidade e a unidade original se desintegra, ou seja, Porto Novo deixaria de existir como Porto Novo. Pergunto: ao se criarem três unidades municipais, Porto Novo segue existindo, mantém-se sua identidade e organização, ou essas criações municipais desintegraram Porto Novo? Bem, temos que compreender que os componentes efetivos e as relações efetivas da unidade Porto Novo constituem a estrutura Porto Novo. E, como escreve Maturana (2002) a estrutura de uma unidade composta – tipo Porto Novo - fornece as relações

---

<sup>6</sup> Entendendo aqui o *linguajar* nos termos de Maturana e Verden-Zoller (2004, p. 262): *Linguajar é o fluir em coordenações de coordenações comportamentais consensuais. Quando, numa conversação, muda a emoção, muda também o fluxo das coordenações de coordenações comportamentais consensuais. E vice-versa. Esse entrelaçamento do linguajar com o emocional é consensual e se estabelece na convivência*”.

que constituem sua organização. Vejamos, para facilitar a compreensão: quando pensamos em mesa fazemos referência em termos de relações entre os seus componentes que equivale à sua organização. A estrutura são os componentes em si - madeira, vidro, MDF, compensado, outros - mais as relações entre eles. Em sendo assim, a unidade composta, ao implicar na conservação de sua organização, não requer necessariamente a conservação de sua estrutura - posso cortar a ponta de uma mesa e a deforme mas, sigo tendo uma mesa. Então, a estrutura de uma unidade composta pode mudar sem que ocorra a desintegração de sua identidade, porém se cortarmos a mesa ao meio já não temos mesa, perdeu-se a organização, embora a estrutura siga presente. Segundo Maturana (2002, p. 84) “Uma unidade simples interage através da operação de suas propriedades. Uma unidade composta interage através da operação das propriedades de seus componentes.” Retomo a pergunta: Porto Novo, enquanto organização segue existindo, apesar de mudanças em sua estrutura?

Se houver a possibilidade de reconhecer que a unidade composta - Porto Novo – tem existência num espaço definido e constituído pelas propriedades de seus componentes, cujo domínio de mudanças estruturais não implicam a perda de sua identidade, efetivamente temos mudanças com conservação da organização, ou seja Porto Novo segue existindo.

No entanto, precisamos reconhecer que a unidade composta – Porto Novo – é efetivamente um sistema estruturalmente determinado. Isso significa que “qualquer mudança na estrutura de uma unidade composta só pode surgir determinada por sua estrutura através da operação das propriedades de seus componentes” (Maturana, 2002, p. 64).

Dessa forma a organização Porto Novo se mantém preservada e perspectiva sua conservação num devir que saboreia mudanças, feitas por seus integrantes sejam elas feitas pelos próprios imigrantes ou desencadeadas por seus filhos e filhas em suas convivências.

É nesse sentido que o Filósofo colombiano, Luiz Carlos Restrepo reforça a compreensão do enlace da diversidade, geradora de mudanças, flutuando para o devir. Escreve Restrepo (1995, p. 97/98)

a vida cotidiana, entendida como lugar de encontros dos sujeitos, é ao mesmo tempo o ponto de cruzamento dos acasos compartilhados. As ruas, a residência, os lugares de trabalho não são lugares de confinamento; são espaços onde se manifesta o conflito, do mesmo modo como todos nós somos, em nossa intimidade, um espaço de cruzamentos caóticos onde nos assaltam rajadas de tato, linguagem e visão, que não são nem podem ser inteiramente coincidentes. O sujeito é um lugar de cruzamentos, cenário onde corpo e linguagem tentam, inutilmente, encaixamentos plenos, de forma que aquilo que se consegue, em cada instante, são apenas equilíbrios instáveis e aproximações passageiras.

Na proposição de Restrepo, por mais que se queira impor uma homogeneidade estável, visando encaixamentos plenos e estruturais, esta será fragilizada diante de condutas que

margeiam as ditas relações consensuais que se sustentam via imposições e restrições aos comportamentos distintos. Assim, mesmo que uma das grandes lógicas da criação de Porto Novo, sustentasse o equilíbrio e a estabilidade e tenha ostentado a bandeira das restrições, inúmeras vozes dissonantes e fissuras diversas desejavam negar a discriminação e a restrição de condutas adversas. A presença de vozes e fazeres discordantes foi e continua sendo catalizadora da diferença, sendo, por isso mesmo, oportunidade de inovações criadoras de domínios existenciais nos quais a variabilidade é aceita e, esta não destrói a organização Porto Novo.

Por isso mesmo, creio que em 2026 ainda ouviremos inúmeras vezes a expressão “Eu sou Portonovense”. Significa admitir que, embora envoltos e dinamizando gigantescas mudanças, sustentamos a conservação em diversos níveis, senão como alguém ousaria dizê-lo? E, nós pesquisadores e investigadores, sedentos na procura de pistas, podemos devolver em forma de pergunta e, preferencialmente fazê-la antes, no presente: **“E daí? O que você faz e como você faz o que faz, num dinâmico e complexo cenário de mudanças, quando diz que é Portonovense? Que ações, que condutas, que modo de vida, que formas de viver, quais cenários de linguagens, quais formas relacionais lhe atribuem o direito de dizer “eu sou Portonovense”?”**

Mas, o que se conservou desde então – 1926 -, para que possamos continuar chamando o Portonovense de Portonovense? Como o Portonovense se manteve e se mantém Portonovense? Então, cabe também questionar: as mudanças são conservadoras? Se sim, elas o são, porque acontecem e se instalam em relação ao que se conserva? E novamente, o que se conserva, o que se conservou?

Por exemplo, entendo ser factível afirmar que no âmbito da cooperação e da colaboração<sup>7</sup>, ambas foram conservadas, porém o modo de realizar a cooperação e ou a colaboração tiveram variações. E quando há uma mudança, quando muda a operação conservada, tudo muda ao redor da mesma coisa, muda sua forma relacional. É neste sentido que entendo a afirmativa de Albert Einstein<sup>8</sup>: “Die Probleme, die es in der Welt gibt, können nicht mit den gleichen Denkweisen gelöst werden, die sie verursacht haben”. Isto é, os problemas que temos não podem ser solucionados pelos mesmos caminhos ou modos de

---

<sup>7</sup> Com apoio no Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, faço distinção entre as expressões cooperação e colaboração. **Cooperação**, etimologicamente do latim o “co” significa “ação conjunta” e “operare” significa “executar conjuntamente” – ou seja, cada um é responsável para cumprir sua parte – uma parte do problema - e chegar a uma meta comum. **Colaboração**, do latim “collabōrāre” envolve atividade sincronizada, contínua e de caráter espontâneo. Visa entender todo o processo e pode ser entendida como uma filosofia de vida e de vivências, envolvendo a (co)criação e o compartilhamento de ideias para gerar resultados inovadores.

<sup>8</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=2XIJmew2IK4&feature=youtu.be>, acesso em 18/06/2017.

pensar que os têm produzido. Portanto, somos desafiados a construir diferentes caminhos, diferentes imaginários, diferentes ideias para diferentes fazeres. Reafirmo, mais que um olhar para um coletivo universalizante é preciso um olhar para as singularidades, para as individualidades, para as unidades possibilitando diferentes percepções como categorias históricas.

Reconheço como pertinente o escrito por Maturana, no livro “El sentido de lo humano” (1992, p. 124/125)<sup>9</sup>

Cada vez que um ser humano morre, um mundo humano desaparece, muitas vezes de maneira irrecuperável. Isto não é uma banalidade sentimental, é uma realidade biológica. O mundo é o que vivemos, nosso fazer em qualquer dimensão, desde o caminhar até a palavra, é a concretização de nossa estrutura biológica. Não sabemos fazer os muros incas porque o último pedreiro que podia fazê-lo ao viver, morreu, e com sua morte acabou uma linhagem da história humana. Talvez se houvesse ficado algum relato... talvez se houvesse sobrevivido algum aprendiz... A falta da prática leva ao esquecimento e à morte, ao fim da história. E quando isso acontece, às vezes um mundo se acaba de forma irrecuperável. Esse é o nosso risco, a morte do presente no esquecimento do passado porque ninguém seguiu a linhagem. Há linhagens que vale a pena seguir (Tradução livre).

### **MIGRANTES ALEMÃES, CATÓLICOS E BRANCOS: O QUE VIRAM E COMO VIRAM, O QUE VIRAM, AO CHEGAREM NA GLEBA PORTO NOVO?**

Tradicionalmente partimos do pressuposto de que as explicações sobre a realidade, bem como sobre os fenômenos biológicos e outros são considerados tendo como referência que os organismos vivos que observamos operam perceptualmente no ambiente no qual os vemos em sua existência. Ou seja, partimos do pressuposto de que falamos e damos explicações para os fenômenos da percepção como se nós, na condição de observadores e os demais seres vivos, animais e vegetais existíssemos em um mundo de objetos pré-definidos e, como se o fenômeno da percepção consistisse na captação de aspectos destes objetos do mundo, porque nós, tanto quanto os demais seres vivos teríamos estruturas que possibilitam essa captação.

Na origem etimológica da palavra percepção, expressa por Maturana (2002, p. 79), ela vem “do latim *per+cípito*, *per+capiere*, significando literalmente obtido por captura ou captação” de algo. Mas, existe efetivamente esse fenômeno de captação de aspectos de objetos, como expressa a etimologia da palavra percepção? Pode literalmente o entorno

---

<sup>9</sup> “Cada vez que un ser humano muere, irrecuperable. Esto no es una banalidad sentimental, es una realidad biológica. El mundo es lo que vivimos, nuestro hacer en cualquiera dimensión, desde el caminar a la palabra/ es la concreción de nuestra estructura biológica. No sabemos hacer los muros incaicos porque el último albañil que podía hacerlos al vivir, murió, y con su muerte acabó un linaje de la historia humana. Tal vez si quedase algún relato... tal vez si hubiese sobrevivido algún aprendiz... A nosotros en Chile nos puede pasar lo mismo: la falta de práctica genera el olvido y la muerte, el fin de la historia. Y cuando eso pasa, a veces un mundo se acaba de modo irrecuperable. Ese es nuestro riesgo, la muerte del presente en el olvido del pasado porque nadie siguió el linaje. Hay linajes que vale la pena seguir.”

ambiente, no qual vemos um organismo vivo expondo uma percepção especificar e detalhar o que acontece com esse organismo de forma que podemos falar da percepção pelo organismo como um fenômeno de captação? Não seria mais prudente, como reflete Maturana (2002), argumentar que, quando um observador afirma que um organismo vivo apresenta percepção, o que de fato o observador considera é um organismo que ocasiona um domínio de ações através de correlações senso-motoras congruentes com o entorno ambiente no qual o organismo vivo conserva sua adaptação?

Em “A Ontologia da Realidade” Maturana (2002) dedica um capítulo à refletir sobre a pergunta: “O que é ver?” Esse questionar e reflexões envolvem bases ontológicas e epistemológicas de nossas certezas sobre a percepção e a cognição/conhecer. Fazer essas reflexões requer refletir sobre o que é a realidade. Existia uma realidade objetiva na gleba Porto Novo e como Porto Novo, antes de 1926?

Ao construírem a concepção de autopoiese, Maturana e Varela (1997) afirmam que qualquer sistema vivo é um sistema estruturalmente determinado, cuja principal característica é de que o mesmo não pode sofrer interações instrutivas por inexistir um mecanismo operacional pelo qual o entorno ambiente consiga determinar mudanças de estado nesse sistema. Portanto, toda e qualquer mudança que possa ocorrer é sempre determinada pelo próprio sistema vivo. Existe uma mutualidade, uma operacionalidade complementar e de congruência entre o sistema vivo e o entorno ambiente – seu nicho convivencial. A esse fenômeno de interdependência e operacionalidade complementar, Maturana e Varela (1997) denominam acoplamento estrutural. O acoplamento estrutural engloba todas as interações que acontecem entre um sistema vivo e seu entorno ambiente e que desencadeiam nele, sistema vivo, mudanças estruturais congruentes com as mudanças estruturais desse meio. Evidencia-se a inexistência, a priori, de um meio, uma vez que ser vivo e entorno ambiente se constituem e são constituídos nessa dinâmica de interações recorrentes gerando contínuas mudanças estruturais.

De posse desse suporte teórico voltemos ao imigrante portonovense, acampando inicialmente em pequenas clareiras abertas na mata densa e decidindo metamorfosear-se em portonovense. Uso aqui a expressão metamorfose segundo reflexões de Morin e Sloterdijk (2021, p. 20) “Quando uma lagarta se transforma em borboleta, ela muda a estrutura da sua forma, mas conserva outros atributos indispensáveis à sua sobrevivência.” Ou seja, o imigrante alemão, branco e católico ao decidir fazer-se portonovense fará em si mudanças metamorfoseantes ciente de que a regeneração pela qual irá passar nessas matas densas, deve

ocorrer não somente no sentido do ambiente externo mas também no seu ambiente interno, sua identidade, seu caráter seu modo de ser unidade.

Assim, ao decidirmos questionar e refletir sobre “o que é e como se faz um portonovense?”, obviamente temos que recuar e questionar o que é, quem é e o que faz um ser, ser humano? Porém, talvez seja pertinente considerar a insuficiência desse questionamento. Considerando o mesmo insuficiente temos que mergulhar mais ainda e perguntar o que é um ser vivo, como se faz um ser vivo, um sistema vivo? Nesse contexto nosso pressuposto fundamental é conhecer a origem gerativa da vida, a origem dos sistemas vivos.

E, como nos propõe Maturana e Varela (1997), as reflexões sobre esse questionamento já não podem mais ser feitas simplesmente pela óptica de que, para conhecer algo sobre alguma coisa, basta olhar o que já estava e está lá fora, sem interferir com aquilo. Ou seja, Maturana e Varela (1997) consideram fundamental fazer uma mudança significava e abandonar a noção de que existe um mundo externo objetivo e independente, a ser conhecido por um observador. Ainda, já não é relevante questionar como posso conhecer um portonovense ou o que é um portonovense, mas, sim perguntar - O que se passa comigo quando eu digo que conheço um portonovense? Ou, melhor ainda, como escreve Maturana (2003, p. 2) não mais perguntar “O que é?” mas sim “Que critérios de validação eu uso para validar minha afirmação de que alguma coisa é o que eu afirmo que ela é?” Mais profundamente ainda, já não é relevante e suficiente saber qual a essência do que eu observo, uma vez que “... isso envolve uma mudança ontológica fundamental: “Como faço o que faço como um observador no observar?”

Maturana e Varela (1997) concebem os sistemas vivos como unidades autônomas dotadas de uma dinâmica de auto-produção, ou seja, autopoieticos e abertos ao fluxo de moléculas nessa dinâmica através delas. Maturana e Varela denominam a organização de um ser vivo como sendo uma organização autopoietica. Dessa forma os seres vivos podem diferenciar-se entre si por possuírem estruturas diferentes, mas sua organização é sempre a mesma. Um ser é considerado vivo por ser capaz de produzir-se continuamente a si mesmo, produzindo seus próprios componentes. Mais especificamente Maturana (1997, p. 15), no prefácio à segunda edição da obra *De máquinas e seres vivos: autopoiese a organização do vivo*”, escreve:

Um ser vivo ocorre e consiste na dinâmica de realização de uma rede de transformações e de produções moleculares, de maneira tal que as moléculas produzidas e transformadas no operar dessa rede fazem parte da rede, de maneira que com suas interações: a) geram a rede de produções

e de transformações que as produziu ou transformou; b) dão origem aos limites e extensão da rede como parte de seu operar como rede, de maneira que esta fica dinamicamente fechada sobre si mesma, conformando um ente molecular separado que surge independente do meio molecular que o contém por seu próprio operar molecular; e c) configuram um fluxo de moléculas que ao incorporarem-se na dinâmica da rede são partes ou componentes dela, e ao deixarem de participar na dinâmica da rede deixam de ser componentes e passam a fazer parte do meio.

Sendo produtores de si mesmos, sendo unidades dinâmicas os sistemas vivos são também unidades autônomas. O resultado dessa produção é ele mesmo como ser vivo. Ou ainda, o ser vivo, é igual ao fazer-se, produzir-se a si mesmo, não existindo distinção entre produto (o ser) e produtor (o fazer-se). Eis o sentido da autonomia, poder especificar aquilo que lhe é próprio e particular. Dessa forma reconhecer que o portonovense é um ser autopoietico, autônomo e histórico significa dizer que ele existe como entidade singular e num fluxo contínuo de mudanças estruturais conservando sua autoprodução e adaptação<sup>10</sup>. Significa compreender que não somos meras réplicas mas, efetivamente seres históricos. Lembramos que um ser vivo, ser humano, denomina-se histórico quando surge de uma modificação de uma condição anterior. Numa criança a estrutura deriva da estrutura de seus progenitores – óvulo e espermatozoide formando o ovo – mas, ao se constituir terá uma estrutura acoplada em função de sua história individual de mudanças estruturais. Teremos então características hereditárias como aspectos idênticos em relação à estrutura dos progenitores, mas teremos também a variação reprodutiva, ou seja “cada nova unidade necessariamente inicia sua história individual com semelhanças e diferenças estruturais” em relação às de seus progenitores (Maturana e Varela 1995, p. 106). Diferentemente, no caso de uma réplica, um mesmo procedimento produtivo produz séries de unidades de uma mesma classe: carros, pneus, televisores... Nesse caso as unidades replicadas são independentes entre si e não se afetam mutuamente, não são, portanto, historicamente interdependentes.

Compreender que cada portonovense se realiza nesses processos de autonomia conservativa equivale a compreender também o entorno ambiente de Porto Novo como o resultado espontâneo da história dessa conservação na relação organismo/meio, na qual, os organismos vivos e seus domínios de existência mudaram e mudam juntos, de forma congruente. Todo o sistema vivo, inclusive nós, os seres humanos existimos como organismos na realização de seu viver. Uma mosca vive o seu mosquear – realizar-se como mosca, um

---

<sup>10</sup>Segundo Maturana e Dávila Yáñez (2009, p. 311) podemos falar em adaptação quando “As coerências operacionais observáveis em qualquer momento do devir de dois sistemas que se conservam em interações recursivas decorrem do fato *sistêmico-sistêmico* de que dois sistemas só podem permanecer em interações recursivas enquanto suas mudanças estruturais se verificarem congruentes na conservação de suas respectivas identidades.

gato vive a sua gatorricidade – fazendo-se gato, uma aranha vive o seu aranhar e, um ser humano vive em seu humanar. Um portonovense realiza-se em seu fazer-se portonovense. Cada ser vivo, enquanto realiza o seu viver o faz num nicho vital e existencial, como nominado por Maturana (2003). Nesse nicho, ocupado por um sistema vivo, ele sabe como viver nas circunstâncias nas quais vive, até que morra, o que equivale a afirmar que um sistema vivo nunca está desalojado, menos ou mais adaptado, enquanto estiver vivendo.

Mas, como se comporta um portonovense? Quais suas condutas? Antes disso: O que são condutas?

Por ocasião da chegada dos pioneiros em Porto Novo, iniciou-se um longo e dinâmico processo de interações entre esses pioneiros e o entorno ambiente. Essas interseções recorrentes faziam-se com mudanças em ambos, agricultores tinham seus fazeres orquestrados pela materialidade do entorno ambiente. Igualmente o entorno ambiente viu-se modificado e modificando no processo de refazer-se. Ocorre um intenso processo de perturbações recíprocas que desencadeiam mudanças estruturais tanto no ser do agricultor/agricultora, quanto nos seus fazeres, e, igualmente mudanças na estrutura do entorno ambiente. A derrubada de árvores infere espaços para incidência de mais luz solar no solo, árvores derrubadas significam moradias, galpões, aquecimento, cozimento de comidas e outros mais. A terra, o solo recebe diferentes sementes, que lhe sugam diferentes substâncias minerais.

Na sequência recorrente dessas interações ocorrem mudanças, de mútua afetação. Essa mútua interdependência e mútuas perturbações criam o modo de ser portonovense, como algo inovador e singular, inexistente nas chamadas colônias velhas do Rio Grande do Sul. Cria-se, a partir dessas interações e agregações, uma condição existencial nova e única que se ramifica rizomaticamente de propriedade em propriedade sem, no entanto, ser cópia uma de outra. Cada nova propriedade ou área de terra ocupada, consagra-se uma também nova unidade, onde se faz diferente, porém na diversidade comunga do comum, comunitário e original - Porto Novo. Nessa comunidade, Porto Novo, a existência de cada pessoa agricultor/a e seus filhos e filhas, unidade familiar, realizam seu ciclo vital, cuja existência é e será historicamente complementada pelos vizinhos e pelas unidades organizativas, como clube, escola, igreja e outras formas associativas.

Na dinâmica desse agregamento comunitário, acontecem mudanças estruturais no complexo contexto de interações complementares entre si mas, condicionadas à intensidade participativa de cada integrante familiar, de cada integrante comunitário. Isso garante que cada ser, com sua individualidade e como unidade realiza um ciclo vital que lhe é próprio e

distinto dos demais, pois essa realização depende de como cada individualidade interage no vasto contexto de relações possíveis com a vizinhança e a comunidade Porto Novo. É dessa forma que, em cada grupo familiar, como em âmbito comunitário se fazem presentes uma diversidade de modos de ser e modos de fazer, pois são distintos os modos de conservar o processo dinâmico de interações, cujas perturbações possibilitam mudanças estruturais tanto nas condutas individuais quanto no entorno ambiental, como acima referenciamos. Óbvio, que os casamentos que inevitavelmente começam a ocorrer são outra forma rica de recombinação estrutural das individualidades, já que o entrecruzamento reprodutivo é um veio riquíssimo de variações combinatórias e, portanto, de alternativas e variabilidade estrutural.

Essa grande variedade e diversidade de ser e de fazer-se portonovense, gerando modos singulares para dimensionar universos interativos diferentes, conservando porém a mesma organização – sou e me faço portonovense, sendo um ser singular no mundo vivencial, porque eu determino meu jeito de interagir com o entorno ambiente e (co)crio meu domínio existencial. Somos seres ontogênicos, ou seja nos desencadeamos numa história de mudanças estruturais. Possuidores de uma estrutura original que condiciona o curso das mudanças estruturais como também delimita as mudanças que as interações desencadeiam.

Não nascemos portonovenses, nos construímos portonovenses em amplos e abertos processos de fazeres diversos mas, recorrentes e congruentes. E, em sendo assim, vamos nos aproximar da família portonovense construindo vivências e convivências tendo como premissa a linguagem<sup>11</sup>. Segundo Maturana (1998, p. 19/20) “O peculiar do humano não está na manipulação, mas na linguagem e no seu entrelaçamento como emocionar. [...] dizemos que duas pessoas estão conversando quando vemos que o curso de suas interações se constitui num fluir de coordenações de ações.” Trata-se especificamente da coordenação de ações consensuais, ou seja, “a linguagem é um operar em coordenações consensuais de coordenações consensuais de ações” (1998, p. 20).

Famílias portonovenses desenvolveram um modo de viver pautado nas coordenações de condutas, ancoradas em compartilhamentos de relações psicoafetivas, de gêneros

---

<sup>11</sup> Neste artigo linguagem será entendida no contexto das concepções da Biologia do Conhecer. Para Maturana e Verden-Zoller (2004, p. 262) “Quando operamos na linguagem, o que fazemos é mover-nos em nossas interações recorrentes com outros, num fluir de coordenações de coordenações comportamentais consensuais. Ou seja, a linguagem ocorre num espaço relacional e consiste no fluir na convivência em coordenações de coordenações consensuais comportamentais – e não num certo modo de funcionamento do sistema nervoso nem na manipulação de símbolos. O símbolo é uma relação que um observador estabelece na linguagem. Quando reflete sobre como transcorre o fluxo das coordenações de coordenações comportamentais consensuais, ele associa distintos momentos desse fluir, tratando um como representação do outro.”

alimentícios, de ferramentas agrícolas, de mudas e sementes diversas, de entreadjudas e co-labor-ações tanto quanto de co-operações.

## FAMÍLIA PORTONOVENSE ENVOLTA EM SEU LINGUAJEAR<sup>12</sup>

O que é e como se fez e se faz uma família portonovense?

Já não é mais suficiente argumentar que processar informações, ser possuidor de consciência, ver e conversar são propriedades dos seres humanos que os caracterizam como tais. Na contemporaneidade e, no atual estágio evolutivo do ser e fazer-se ser humano, importa fazer a pergunta sobre nossa biologia, como escrevem Maturana e Varela (1997). A pergunta é: ‘como somos capazes de conversar, ouvir, entender e falar a outros seres humanos?’ Ao fazer essa pergunta me encontro com minha biologia de *Homo sapiens sapiens* e me entendo como sendo primata linguajeante que vive e convive em conversas com outros seres humanos. Compreendo a importância de explicar as minhas condutas tendo como referência a minha biologia de *Homo sapiens sapiens*, de primata, baseado em minha dinâmica estrutural e relacional como um sistema vivo.

Maturana e Varela (1997) nominaram o desafio de nos compreendermos como sistemas vivos, de Biologia do Conhecer, uma proposição explicativa que procura mostrar como os processos cognitivos humanos brotam da operacionalidade de seres humanos como sistemas vivos. Dessa forma a Biologia da Conhecer envolve reflexões que visam compreender os sistemas vivos, sua história evolutiva, a linguagem como um fenômeno biológico, a natureza das explicações e a origem da humanidade. Ela também contempla reflexões sobre como nós fazemos o que fazemos como observadores, ou seja, envolve pistas epistemológicas sobre conhecer e conhecimento. A Biologia da Conhecer também estuda as relações humanas ao fazer reflexões sobre como nós existimos na linguagem como seres linguajeantes.

Particularmente, para Maturana (1998b) linguajear é um modo de viver caracteristicamente humano e, nele somos imersos desde crianças. Ao nos educarmos, aprendemos e nos transformamos envoltos em coordenações de condutas com outros seres humanos. E, ao coordenarmos nossas condutas com outros seres humanos, geramos emoções,

---

<sup>12</sup> Rever nota de rodapé 4.

vivemos emoções, nos enredamos numa cadeia de coordenações com emoções. Vivemos conversando, pois quem não conversa<sup>13</sup> não é humano.

Dessa forma em todo e qualquer âmbito familiar acontece a conservação de uma determinada rede de conversações, ou seja, uma rede de coordenações de ações e de emoções. Assim, um filho, uma filha ou ambos crescem nessa rede de conversações. Significa que crescem em um modo de viver que tinha e tem a ver com o linguajar de sua família em particular. Importa compreender que conversações são as coordenações de ações e de emoções, ou seja, não é o que se diz, mas, sim o fluir nas coordenações de ações e de emoções sendo gerados. As conversações que o pai, que a mãe fez e faz com sua/seu filha/o tinham e tem a ver com as conversações de sua família. Nessa rede de conversações é certo que se mantiveram algumas coisas e não outras. Num outro ambiente familiar, num amanhã, é provável que os hoje filhos/as mantenham redes de conversações, na relação com seus filhos pequenos que se parecem com o de sua família e que a rede de conversações que irão manter com os filhos/as crescidos/as sofra mudanças.

Assim, uma determinada linhagem familiar portonovense se constitui no suceder de gerações através da conservação de um determinado modo de viver e conviver. É aceitável reconhecer que em toda e qualquer organização familiar haja a conservação de determinada dinâmica, ou forma relacional mas, tudo em torno dessa forma relacional pode mudar. Numa cultura centrada na guerra, na luta, na competição, a rede de conversações, a ser conservada, é centrada na luta, na guerra e na competição. É possível que esse fenótipos afetem os genótipos<sup>14</sup> o que significa mudança ao longo da história, evidenciando uma linhagem cada vez mais agressiva.

Para viver na linguagem, o ser humano, além de ter um cérebro com um tamanho e configuração determinados, dispor de um aparelho vocal apropriado, precisa ter também a presença de uma estrutura inicial como dinâmica celular no contexto das interações, um sistema nervoso que cresce por determinação interna, mas também pela história de interações, como afirma Maturana (2002). Maturana (2002) exemplifica: temos ciência de que os úteros das mães se parecem muito sob a óptica bioquímica. Porém, os entornos emocionais das mães,

---

<sup>13</sup> Segundo Maturana (1998b, p. 80) “A palavra conversa vem da união de duas raízes latinas, ‘cum’, que significa ‘com’, e ‘versare’, que significa ‘dar voltas’, de maneira que conversar, em sua origem, significa ‘dar voltas com’ outro”.

<sup>14</sup> Segundo Morin (1989, p. 106/107) “A unidualidade transformou-se e complexificou-se em termos de genótipo/fenótipo [...] para encarar as relações entre hereditariedade e meio [...] a dualidade do *genos* e do *fenon* se afirma de modo multidimensional. Mas, ao mesmo tempo, vemos a interdependência entre estes termos, uma vez que a individualidade dos seres fenomênicos se inscreve profundamente nos próprios arcanos do *genos* e que *genos*, imanente aos seres fenomênicos, se inscreve no centro da sua organização.

que são muito diferentes, fazem variar a bioquímica, tornando os úteros tão diferentes. Ainda assim, quando se vive imerso numa mesma rede de conversações, também a emocionalidade se evidencia similar. Maturana (2002, p. 334) relata uma experiência:

Lembro-me de que estive acompanhando alguém ao cemitério, porque havia morrido um parente [...] fui caminhando olhar outros túmulos, outras coisas. Havia uma mulher visitando um túmulo, acompanhada de uma menina que deveria ter uns sete anos. A mãe punha as flores, a menina punha flores; a mãe regava, a menina regava; a mulher se detinha a rezar, a menina também. Ela não dizia à menina que fizesse aquilo, mas a menina o fazia.

Da experiência relatada por Maturana se compreende que aprendemos no viver, convivendo, no emocionar-se, fazendo sua história. Se perguntarmos: de quem a criança aprende? Ora, de sua mãe e em seu espaço de convivências. Ou seja, a menina ou menino crescem, fazendo a mesma coisa que sua mãe e aprendem com o emocionar de sua mãe. É nesse sentido que o sistema nervoso do bebê se desenvolve fazendo-se no contexto das conversações familiares. Mas, o viver da criança e o seu sistema nervoso, não será determinado pelos contextos das conversações da família, mas a epigênese<sup>15</sup> vai ter a ver com eles. Ou seja, não tem a ver, especificamente, com as coisas que são ditas, mas sim com o fluir das coordenações de ações e emoções. Significa que não importa tanto um determinado fazer particular, como por exemplo passar melado e *keschmier* no pão, algo corriqueiro nas famílias portonovenses mas, sim como se vive esse momento emocionalmente. Passar melado e *keschmier* no pão envolvem um emocionar no linguajar. Envolve compreender: como se vive essa relação, como aconteciam os cafés da manhã na família portonovense? Como acontecem os cafés da manhã nas atuais famílias portonovenses, que provavelmente substituem *keschmier* por nata, margarina e melado por doce de leite? Aconteciam e acontecem em ambientes ternos e carinhosos, ou são distantes e frios? A forma como aconteciam e acontecem implica consequências no desenvolvimento do sistema nervoso, como também do sistema imunológico, dos modos de aprendizagem, entre outros.

Ao crescer, a criança aprende a viver cafés da manhã ternos, carinhosos, frios ou distantes. Vai viver e reviver um determinado tipo de relação no café matinal e, por mais que insista que não sejam assim, de alguma forma esse "ser assim" vai permanecer, o que significa que uma determinada história vai ser conservada. Isso explica porque os filhos inúmeras vezes se expressam afirmando: - sou igual a você, papai ou igual a você, mamãe.

---

<sup>15</sup> Para Maturana (2002, p. 327 “Epigênese é uma história de mudanças estruturais contingentes com as interações com o meio a partir de uma certa estrutura inicial.”

Ainda segundo Maturana (2002) prioritariamente o espaço de convivência das crianças deveria acontecer no espaço das relações humanas. Deveriam mover-se, como efetivamente acontecia nas primeiras famílias portonovenses, no espaço das atividades manuais, como lidar com martelo e serrote, desenhar e pintar, tecer com fios, palhas ou vimes, lidar com agulha coser e pregar botões, entre outros que envolvem o manuseio para que desenvolvam imaginários no espaço do manuseio e não somente uma imaginação no espaço de um teclado, seja de computador ou celular, como basicamente priorizado na atualidade. Não que se devam proibir os teclado em absoluto, mas que se crie a consciência de que tanto computadores quanto celulares sigam subordinados ao nosso espaço do viver, e não nosso viver subordinado aos computadores e aos celulares, como atualmente vem acontecendo.

Estamos começando a entender que o uso extremado das tecnologias digitais não potencializa as capacidades cognitivas dos seres humanos. Ao contrário as diminuem drasticamente já que usadas como substitutas de funções cognitivas. Algo similar já tem acontecido em nossa história evolutiva quando as máquinas motoras substituíram nossas funções musculares. A força muscular humana diminuiu na presença dessas máquinas e, provavelmente, também as máquinas que desenvolvem as funções e a interrogação elaborativa fazem diminuir nossas funções cognitivas.

Às crianças importa ampliarem os espaços das coordenações sensório-motoras, ampliando dessa forma o espaço de manejo das realidades físicas e dos recursos naturais com sua corporeidade. É no contexto vivencial dos manuseios dessas realidades físicas que também se reconhecem a importância da presença do outro, como uma presença que tenha sentido. Algo que, em contexto de teclados frios e solitários, não vai ocorrer.

### **A TÍTULO DE CO-MEMORAÇÃO: MUDANÇAS E CONSERVAÇÕES – TÓPICOS PASSÍVEIS DE INVESTIGAÇÃO**

Efetivamente quando decidimos ser importante comemorar os 100 anos de colonização Porto Novo estamos cientes de que houve e ainda persistem sendo conservadas, certas e diferentes condutas relacionais nas quais as pessoas – portonovenses - comparecem com características singulares próprias de um modo de viver e conviver, biológica e culturalmente peculiares em que se realizaram e se realizam. Penso estarmos diante de convites fortes para refletir, desafiados a pensar em entender algo muito mais profundo do

que meramente o tradicional dito: “eu sou”, para adentrar num universo de conversas sobre nossos ‘**que fazeres**’ como seres humanos, como portonovenses.

Algumas situações:

1) Certamente fazer-se Portonovense tem como premissa a coordenação de determinadas condutas num também determinado âmbito de linguagem/padrão = língua alemã. Afinal, todo portonovense é humano e, como humano é um ser linguajante, que vive coordenando suas ações no linguajar. Ainda assim, no decorrer dos 100 anos houveram mudanças e aconteceram modos particulares de ser humano e de realizar o linguajar variando também nos idiomas e respectivos dialetos – língua alemão, língua portuguesa, italiana e, mais recentemente, a espanhola, entre outras. Independentemente do idioma e ou dialeto, conforme esclarecido acima, existe algo a ser conservado na linguagem, qual seja, as coordenações de condutas consensuais, definindo a vivência e convivência como humanos.

É certo que no contexto da diversificação de idiomas, o portonovense se desenvolve em diferentes sabores do humano, dinamizando modos particulares de realizar a linguagem em diferentes culturas, que gradativamente são agregadas ao modo de existência do portonovense. Já afirmamos que a humanização envolve a coordenação de condutas na linguagem. É o linguajar, o viver na linguagem, que faz dos humanos, seres humanos, embora os modos particulares de ser humano e de realizar a linguagem possam variar e criar padrões e perfis distintos: gaúcho, portonovense, catarinense, brasileiro, chileno, argentino, ou outro. Há algo de humano na humanidade que tem a ver com um modo de vida – com o modo de humanar no linguajar e já sabemos que se o linguajar perde força, as violências se impõem.

Ainda assim, o que se conserva e quais mudanças dinamizam o ser linguajeante portonovense ao aprender a conviver em diversos idiomas, no decorrer dos 100 anos?

2) Porto Novo e portonovenses sedimentaram e conservaram um modo de relações ser humano e entorno ambiente tendo também presente a concepção de parceria. Sendo proprietário de uma área determinada de terra – colônia – de certa forma a família estava presa a seu território e solo. Significa entender que se o solo de sua propriedade fosse fragilizado em função do uso, ele não tinha mais o direito de pleitear outro terreno para implementar plantios, como acontecia nas comunas agrícolas antigas europeias, possibilitando rotações de terrenos e mesmo pousios (Relly, 2022). Ainda assim, essa relação ser humano e entorno ambiente – propriedade adquirida - é do tipo acoplamento estrutural (Maturana e Varela, 1997), como anunciado pela Biologia do Conhecer, ou seja, um ser humano ou qualquer ser vivo inter-age com o seu meio e, ao fazê-lo altera a sua estrutura interna assim como também

altera a estrutura do meio com o qual está interagindo, criando seu nicho ecológico de convivências.

Dessa forma as famílias criavam as estruturas residenciais, os artefatos tecnológicos para ações de trabalho, criavam ambientes para a agricultura alimentar de subsistência com plantio de milho, feijão, arroz, batatinha e outros, criavam espaços para a pecuária, vacas, porcos e galinhas, entre outros. Atualmente, essa relação ser humano e entorno ambiente segue existindo, porém o modo de sua realização tem variado de forma gigantesca. Ocorreu uma perda gradual de controle, por parte dos agricultores e agricultoras junto aos recursos produtivos em prol de uma gradual dependência do mercado para adquirir insumos e tecnologias, uma centralização cada vez mais capitalista e menos comunitária.

Essa gradual submissão ao livre mercado, bem como a não recusa para integrar uma percepção de agricultura como produtora de *commodities*, desconecta e distancia cada vez mais o agricultor de um aspecto central que era a defesa do controle da produção como produtor da comida e da subsistência. No decorrer dos 100 anos nos deparamos com alargamento de uma agricultura industrial, que de fato se pretende independente do sujeito agricultor e agricultora e se torna altamente financeirizada e tecnológica. Essa agricultura se distancia cada vez mais de processos naturais e se integraliza via processos industriais, contribuindo para as *commodities* que visam muito mais o comércio exterior. Na pecuária, a vaca de leite está dando lugar à indústria de leite, confinada e confiada a um potencial genético inovador. A galinha basicamente foi substituída pelo frango numa aposta de quase 100% na conversão alimentar. O mesmo se diga do porco, quase extinto e substituído pelo suíno e, este, tal qual o frango, está a inovar e encurtar mais e mais as variáveis espaciais e temporais<sup>16</sup>, avolumando concentrações enquanto a precocidade avança indefinida.

Como ideia força, cada imigrante alemão, católico e branco, agricultor e agricultora movia-se num imaginário que considera ser a natureza tão grandiosa e substanciosa a ponto de seus recursos serem considerados inesgotáveis, porque infinitos. No âmago dessa premissa a exploração de recursos naturais transformaram bosques e matas em imaginários de recursos naturais a serem usados e explorados sem medida. Atualmente, amargamos já o equívoco dessa ideia força e colhemos frutos do desequilíbrio ecológico por nós causado. A lógica capitalista que insiste na difusão e na conservação desse ideal explorador, de mãos dadas com

---

<sup>16</sup> Ver mais em STRIEDER, Roque. Produção Agrícola Integrada: a emergência humana do trabalhador agrícola. São Miguel do Oeste: Unoesc, 2000.

a tecnologia, catalisa o uso abusivo nas mais diversas frentes da organização e funcionalidade do viver e conviver portonovenses.

Cabe reafirmar, para o portonovense centenário, o que o filósofo Hans Jonas (2006, p. 43) escreveu: “Hoje, na forma da moderna técnica, a *techne* [como esforço humano] transformou-se em um infinito impulso da espécie para adiante [...], rumo a feitos cada vez maiores. [...] Não há nada melhor que o sucesso, e nada nos aprisiona mais que o sucesso”. A questão ambiental é atual, integra nosso presente e é uma das grandes incógnitas da humanidade, portanto também do portonovense. Importa, com grau de urgência a sensibilização para a criação de imaginários visando reverter os efeitos da exploração destrutiva. A lógica antropocêntrica, como referência civilizacional do poder e da propriedade, pode dar lugar a um bem-estar em nossas vidas e viveres não proveniente da destruição das condições de vida. Esse é um convite forte e de alerta feito por Fritjof Capra, em “A teia da vida” (1997, p. 193)

O reconhecimento da simbiose como uma força evolutiva importante tem profundas implicações filosóficas. Todos os organismos maiores, inclusive nos mesmos, **são testemunhas vivas do fato de que práticas destrutivas não funcionam a longo prazo.** No fim os agressores sempre destroem a si mesmos, abrindo caminho para outros que sabem como cooperar e como progredir. **A vida é muita menos uma luta competitiva pela sobrevivência do que triunfo da cooperação e da criatividade.** Na verdade, desde a criação das primeiras células nucleadas, a evolução procedeu por meio de arranjos de colaboração e de co-evolução cada vez mais intrincados (Grifos nossos).

Então, como as diversas remexidas nos e dos fundamentos do modo de viver e conviver com o entorno ambiente, no decorrer da trajetória dos 100 anos do portonovense impactam seus imaginários no âmbito relacional, no âmbito econômico, bem como nos âmbitos psicoafetivos e somáticos?

3) Porto Novo se preza por demarcar uma ‘limpeza étnica’, ‘limpeza religiosa’ e ‘homogeneidade linguística’. Desde o princípio assumimos e conservamos uma forma de viver que dispensava os povos nativos tradicionais, qual seja indígenas tupis-guaranis e caboclos - os *waldläufers* -, considerados nômades e, por isso, inúteis e talvez indesejados, portanto, passíveis de exclusão, por simbolizarem ameaças à homogeneidade étnica, religiosa e linguística. Na atualidade, a forma de viver - conservada? -, tolera diferentes etnias (os quase maltrapilhos haitianos, venezuelanos e outros), também outros credos religiosos e outras manifestações linguajeantes, mas, talvez, conservamos a lógica da indesejabilidade desses desiguais, agora pelo menos considerados úteis como prestadores de serviços em tarefas repetitivas (prioritariamente nos abatedouros de frangos e suínos), sendo-lhes também e, mais

uma vez, restringido o acesso à propriedade privada, ou casa própria, tal qual o foi com indígenas e *waldläufers* e, por isso, seguem com um viver análogo ao de nômades;

4) No contexto educacional e formativo as mudanças somam-se inomináveis.

Em contextos atuais cabe como relevante questionar: Como educar e dinamizar aprendizagens, quando, infelizmente, a vida está sendo banalizada, diante de sua redução a dimensões quase exclusivamente econômicas?

Na trajetória dos 100 anos vimos, inicialmente, a consolidação de condutas educativas familiar e religiosa, com peso maior na moralidade e, escolar priorizada em pressupostos hierárquicos de obediência, memorização e repetição, onde o temor era sinônimo de respeito. Nelas, igualmente se consolidou de forma conservadora uma cultura da importância formativa para viveres e conviveres em âmbito comunitário. Valores cristãos e valores consensuais tornaram-se guias de uma convivência planejada que considerava o bem estar comunitário acima do bem estar pessoal e singular. Isso resultou numa mutualidade de ajudas inter-familiares e comunitárias e em reciprocidades não necessariamente valorizadas em mensurações, mas em gratuidades e responsabilidades, ou seja em mutualidades. De forma geral, as crianças sabiam de seus compromissos e responsabilidades, na realização de tarefas, tanto em âmbito familiar quanto escolar e comunitário. O serviço gratuito, as trocas, a solidariedade foram suportes significativos. Em contextos contemporâneos a educação, em todas as esferas e níveis, está pendendo para cenários informativos, com forte tendência instrutiva, priorizando a instrumentalização. Parece mesmo que a lógica freireana de ‘ninguém ensina nada a ninguém’, tornou-se sinônimo de ‘os alunos não querem nada com nada’. Fato é que a própria aprendizagem fica refém da lógica mercantilista e utilitarista. Grande parte das aulas são ao estilo oficinas, que mais se parecem com receituários, onde professores se tornam instrutores e facilitadores. Nessas aulas, se lê pouco, e nelas as discussões se transformam em meras e rasas falas, onde reflexões são perda de tempo, pois muito do que é proposto pedagogicamente, parece restringir-se ao manejo maquínico de manuais e tutoriais. Boa parte dos professores se assumem como burocratas, preenchendo infintos formulários que precisam ser postados nas redes digitais e plataformas. Mais uma vez, formam-se pessoas obedientes e conformadas ao invés de questionadoras, reflexivas e pesquisadoras.

Cito Marie von Ebner-Eschenbach, escritora de contos austríaca (1830-1916) que cunhou a frase: “Wer nichts weiss, muss alles glauben”<sup>17</sup>, significando que “Quem nada sabe,

---

<sup>17</sup> Disponível em: [https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-662-56307-6\\_2](https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-662-56307-6_2). Acesso em 25/09/24

precisa acreditar em tudo.” Ou seja, a escassez de conhecimentos, a escassez alimentar, a escassez de segurança, quando somadas, proporcionam perigosos processos de dominação e manipulação. Que tramas vivenciais possibilitaram uma guinada formativa tão preocupante? Ou então, o que se conservou em termos de educação no decorrer desses 100 anos de Porto Novo? A frequência aos educandários, a busca de uma titulação de sucesso, aprendizagens éticas, relevância de compromissos e responsabilidade?

5) Podemos, ainda, abrir para debates e mergulhos em outras tantas questões:

\* Os seres humanos elaboraram um enorme manancial crenças e sonhos como forças imaginárias para o seu desenvolvimento. Nessas forças se localizam, prioritariamente, os valores, o sentido imaterial da vida e dos viveres. Particularmente, para Porto Novo cito as crenças de ordem religiosa e seus inúmeros invólucros, como as missas, as confissões, o sentido de coroinhas, a predeterminação de espaços nas igrejas para homens e para mulheres, as Semanas Santas, o Corpus Christi, a Congregação Mariana, entre outras. Crenças quando absolutizadas substituem os conhecimentos e podem produzir tanto a subserviência quanto a submissão;

\* de ordem das mulheres “o jeito certo de **ser** mulher’ (Valdir Eidt, 2023), talvez valha agora incluir o jeito de **fazer-se** mulher, e ainda porque não o jeito de **fazer-se** criança, **fazer-se** jovem, **fazer-se** homem, **fazer-se** família portonovense;

\* igualmente, como fazemos e o que conservamos em relação aos recursos hídricos, poluição de riachos e rios, trocando as fontes naturais superficiais por poços artesianos ou ainda por caixas de água, construindo açudes, coletando água da chuva...;

\* o que conservamos e como fazemos nossa saúde, tratamos nossas doenças, basicamente substituímos chás por ansiolíticos e antidepressivos, do Prozac às ‘pílulas mágicas da inteligência’ tipo Venvance. Porque e como chegamos a um modo de viver com índices tão elevados de pessoas com câncer?;

\* como lidamos e o que conservamos em relação aos deslocamentos feitos a pé, a cavalo, de carroça, de bicicleta, para ônibus, carros e motocicletas, pequenos aviões...;

\* o que conservamos da riqueza dos esportes, praticados com caráter esportivo, raça e força, não somente os coletivos de massa (futebol, voleibol, futsal, handebol...), mas o tiro ao alvo, o baralho, o moinho, o dominó, xadrez entre outros, agora mais competitivos, técnicos e de resultados;

\* o que conservamos em termos de festas efetivamente comunitárias, de bailes familiares para baile de casais, reuniões e encontros dançantes, celebrações de casamentos, aniversários, *kerbfest*...;

\* como lidávamos com a morte e o que conservamos para a atualidade em relação à velórios, enterros e cremação, cuidados com os mortos (lembro aqui que já foi anunciado a realização de estudos envolvendo os cemitérios...);

\* questões sobre sexualidade, desde os tabus tradicionais e a violenta moralização até as banalizações sexuais, a diversidade sexual no contexto atual;

\* a polêmica do consumo de drogas, não somente as ditas ilegais mas, também as de ordem legal, como cerveja, cachaça, cigarros...;

\* a beleza dos artesãos incluindo a sabedoria de fazer utensílios domésticos e agrícolas, ou ainda cucas, bolos, tortas e outras tantas artes culinárias, costurar e consertar roupas, coisas que crianças aprendiam desde cedo em família, sem restrições de gênero;

\* as especificidades de informações para o dia-a-dia, os jornais, para além do *Paulus-Blatt*, os jornais que se seguiram, os existentes na atualidade, com quais enfoques, quais prioridades, quais valores, quem escreve, porque escreve, quem lê, porque lê...;

\* A caminhada jornalista auditiva – rádio -, e seus pressupostos, seus programas mais difundidos, para quais audiências se destinavam, a diversidade de seus repertórios musicais, informativos, noticiários, até a atual mídia audiovisual...;

\* a jornada artística em Porto Novo: características de arquitetura em casas, galpões, igrejas, escolas, estrebarias, galinheiros, o ajardinamento nos pátios caseiros, o varrer os pátios, os vasos de flores sobre as mesas e junto aos oratórios, as pinturas em tecidos, os bordados, os teatros, as esquetes, entre outras;

\* terceira idade, os idosos e cuidados, os cuidadores, os encontros semanais e respectivas programações com quais abrangências, quais intencionalidades, quais implicações. Destaco aqui a bonita referência feita pelo Papa Francisco (2013)<sup>18</sup>, por ocasião de sua homilia na missa que principiou seu pontificado:

A vocação de guardião [...] é simplesmente humana e diz respeito a todos: é a de guardar a criação inteira, a beleza da criação, [...] é ter respeito por toda a criatura de Deus e pelo ambiente onde vivemos. É guardar as pessoas, cuidar carinhosamente de todas elas e cada uma, especialmente das crianças, dos idosos, daqueles que são mais frágeis e que muitas vezes estão na periferia do nosso coração. É cuidar uns dos outros na família: os esposos

---

<sup>18</sup> Disponível em:

[https://www.snpcultura.org/papa\\_francisco\\_pede\\_bondade\\_ternura\\_humildade\\_servico.html](https://www.snpcultura.org/papa_francisco_pede_bondade_ternura_humildade_servico.html). Acesso agosto de 2024.

guardam-se reciprocamente, depois, como pais, cuidam dos filhos, e, com o passar do tempo, os próprios filhos tornam-se guardiões dos pais. É viver com sinceridade as amizades, que são um mútuo guardar-se na intimidade, no respeito e no bem.

Vimos que o leque de possíveis entradas se distende e espera emergir no fulgor das reflexões, dos escritos, do discernimento e da compreensão de nossa identidade, de nosso ser portonovense, de nosso **fazer-se** portonovense, ainda na contemporaneidade. Não sem considerar a relevância de reconhecer como um dos grandes desafios para o século XXI a criação de sensibilidades que compreendam ser a dignidade humana mais importante do que o lucro e a ostentação. Isso envolve manter elevados os índices de esperança em vivências éticas, nos termos como Agamben (2013, p. 45) a expressa

Todo o discurso sobre a ética é que o homem não é nem há de ser ou realizar nenhuma essência, nenhuma vocação histórica ou espiritual, nenhum destino biológico. Somente por isso algo como uma ética pode existir: pois é claro que se o homem fosse ou tivesse que ser esta ou aquela substância, este ou aquele destino, não haveria nenhuma experiência ética possível – haveria apenas tarefas a realizar.

Por fim, quanto melhor compreendermos as realidades construídas e em construção pelos portonovenses, no decorrer desses 100 anos, melhores significados teremos de nossas vidas, de nossas experiências do viver e conviver. Será igualmente um porto seguro para compreender melhor o quanto cada fazer nosso, do mais simples ao mais complexo, impactam nossas existências, tanto nas individualidades quanto nas coletivizadas.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giórgio, 2013. **A comunidade que vem**. Belo Horizonte: Autêntica Editora. ISBN: 978-85-8217-138-7.

CAPRA, Fritjof, 1996. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Editora Cultrix ISBN: 85-316-0556-3.

EIDT, Valdir, 2023. **“O jeito Certo De Ser Mulher”**: Imagens e representações femininas nos discursos de mulheres católicas da colonização alemã do sul do Brasil. Tese de doutorado em Educação nas Ciências. Ijuí/RS: UNIJUÍ.

GOTTSCHALL, Jonathan, 2013. **The Storytelling Animal**: Como as histórias nos fazem humanos. New York: Mariner Books, ISBN: 0547391404.

HOUAISS, Antonio; VILAR, Mauro de Salles, 2004. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva. ISBN: 85-7302-383-X.

JONAS, Hans 2006. **O princípio responsabilidade**: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. Rio de Janeiro: contraponto: Ed PUC/Rio. ISBN: 978-85-85910-84-6.

MATURANA, Humberto, 1992. **El Sentido de lo Humano**. Buenos Aires/Chile: Ediciones Granica S.A. ISBN - 10: 9506411573.

MATURANA, Humberto R. e VARELA, Francisco J. 1995. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano**. Campinas/S: Editorial Psy II. ISBN: 85.85.480-21-1.

MATURANA, Humberto R., 1998. **Emoções e linguagens na educação e na política**. Belo Horizonte: Editora UFMG. ISBN: 85-7041-152-9.

MATURANA, Humberto R., 1998b. **Da Biologia à Psicologia**. 3ª ed. Porto alegre Artes Médicas. ISBN: 85-7307-306-3.

MATURANA, Humberto R. e VARELA, Francisco J. 1997. **De máquina e seres vivos - Autopoiese: A organização do vivo**. Tradução: Juan Acuña Llorens. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas. ISBN: 85-7307-302-0.

MATURANA Humberto, 2000. Transdisciplinaridade e Cognição. In: BASARAB, Nicolescu et al. **Educação e Transdisciplinaridade**. Brasília Unesco. ISBN: 85-878563-01-5.

MAGRO, Cristina, GRACIANO, Miriam e VAZ, Nelson (org.), 2002. 3ª Reimp. Humberto Maturana: **A ontologia da realidade**. Belo Horizonte: UFMG. ISBN: 85-85266-17-1.

MATURANA Humberto R. e MAGRO Cristina, 2002. **Viver na Linguagem**. IN: MATURANA Humberto, 2002. 3ª Reimp. A ontologia da realidade. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. p. 327/347. ISBN: 85-85266-17-1.

MATURANA, H. 2003. Autopoiesis, structural coupling and cognition: a history of these and other notions in the biology of cognition. *Cybernetics & Human Knowing*, 9, 5-34. Trad. Nelson Vaz, abril de 2003. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/397182190/MATURANA-2002-Autopoiese-Acoplamento-Estrutural-e-Cognicao>. Acesso em 03/09/24.

MATURANA, Humberto R. e VERDEN-ZOLLER, Gerda, 2004. **Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano**. São Paulo: Palas Athena. ISBN:85-7242-048-7.

MATURANA, Humberto e DÁVILA YÁÑEZ, Ximena, 2009. **Habitar Humano: em seis ensaios de Biologia Cultural**. São Paulo: Palas Athena. ISBN: 978-85-60804-09-2.

MORIN, Edgar e SLOTERDIJK, Peter, 2021. **Tornar a Terra Habitável**. Natal/RN: EDUFRN. ISBN: 978-65-5569-165-8.

MORIN, Edgar, 1989. **O método II: A vida da vida**. 2 ed. Portugal: Publicações Europa-América. ISBN: 972-1-02844-4.

PAPA, Francisco, 2024. **Carta do Santo Padre Francisco sobre o Papel da Literatura na Educação**. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2024/documents/20240717-lettera-ruolo-letteratura-formazione.html>. Acesso em 29/09/24.

RELLY, Eduardo, 2022. **A experiência dos “commons” como via para desenvolver uma ecologia política.** Entrevista concedida ao Instituto Humanitas. Porto Alegre: Unisinos. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/622765-a-experiencia-dos-commons-como-via-para-desenvolver-uma-ecologia-politica-entrevista-especial-com-eduardo-reilly>. Acesso 15/08/24.

RESTREPO, Luis Carlos, 1998. **O direito à ternura.** Petrópolis/RJ: Vozes. ISBN 85.326.2026-4.

STRIEDER, Roque. **Produção Agrícola Integrada:** a emergência humana do trabalhador agrícola. São Miguel do Oeste: Unoesc, 2000.